

# COMBATE

**A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES**

## LUTA DE CLASSES NA SERRA DA ESTRELA

Dos trabalhadores da Quinta da Vargem (Unhais da Serra)  
 - Aos trabalhadores das fábricas e dos campos  
 - A todo o povo trabalhador

Toda a gente conhece a vida de miséria, a exploração descarada e a opressão fascista a que estão sujeitos os trabalhadores rurais, sobretudo aqueles que trabalham para os grandes proprietários como o explorador Almeida Garrett.

Com a vida cada vez mais cara e a fêria sempre na mesma, a suar o dia inteiro agarrado a uma enxada e ainda por cima ter de aturar ameaças e insultos. — Arre que já é demais! Os trabalhadores da Quinta da Vargem tomaram a peito exigir salários à altura e acabar com o fascismo cá na quinta. Vejam só: do pessoal ao dia, os homens ganhavam a 110\$00, as mulheres entre 60\$00 e 75\$00 e os menores menos de 55\$00. Quanto ao pessoal ao mês ainda era pior. Para um trabalho violento de sol a sol e de estrela a estrela, como aconteceu com os pastores, a indigna esmola de 2500\$00, sem domingos, dias santos, férias, caixa de previdência ou outras regalias, meses a fio na serra, ao relento, sempre a velar pelo rebanho. Muitos anos se passaram debaixo de insultos e do chicote do feitor, de salários de fome e toda a espécie de ofensas à dignidade humana. Contra tudo isto os trabalhadores ergueram uma sólida união, contando só com as suas próprias forças, prepararam as armas da sua luta, longe dos ouvidos do patrão e seus lacaios, criando, pela discussão entre todos, as suas firmes reivindicações e os meios de as conseguir.

O sanguessuga do Garrett nem sequer nos quis dar ouvidos, confiante que estava em facilmente dividir os trabalhadores com o poder do seu dinheiro e os velhos amigos do tempo da outra senhora. Mesmo traídos pela delegação da Covilhã do Ministério do Trabalho, ainda por sanear, os trabalhadores, unidos e decididos, respondem a todas as manobras mantendo-se em greve até a satisfação total das suas reivindicações:

— Ordenado mínimo nacional; semana de 48 horas; pagamento do trabalho extraordinário; férias e caixa de previdência, para os mensais. Quanto aos trabalhadores ao dia: 150\$00 para os homens; 110\$00 para as mulheres e 70\$00 para os menores; semana de 45 horas; pagamento dos feriados e garantia de trabalho permanente. Obrigados a longas horas de discussão pela casmurria do patrão, a consciência e firmeza dos trabalhadores vence as suas falinhas mansas e conseguindo fazer valer aquilo que nos pertencia, incluindo o pagamento dos próprios dias de greve. Terminada a greve dos oito dias, o patrão não desarma. Tentando fugir à palavra dada; recusa-se a confirmar o acordo provisoriamente assinado, pôr em causa os representantes das Forças Armadas e o representante de Lisboa do Ministério do Trabalho, ao mesmo tempo que recruta os seus afilhados fura-greves, em reuniões secretas, à noite, no seu «castelo feudal». Ao descobrir estas reuniões, ao saber do despedimento de três camaradas por terem apoiado a nossa luta, face à sua tentativa de meter ao bolso o dinheiro do leite ordenhado num dos dias de greve (a cujo pagamento já se tinha comprometido) os trabalhadores resolveram pedir-lhe satisfações. Esse porco fascista inventa desculpas, dá o dito por não dito e fecha a porta na cara dos trabalhadores. Perdemos a paciência e entregamos-lhe um papelinho que dizia assim: «Atenção: 1.º — Ficam proibidos de trabalhar na quinta os seguintes: (os nomes dos oito afilhados fura-greves, que ele queria meter entre nós para nos dividir); 2.º — Readmissão das três camaradas despedidas; 3.º — Não pode vender pinheiros, gado ou máquinas sem autorização dos trabalhadores; 4.º — Tem um prazo para responder até às 17.30H do dia 12. Até essa hora ficou proibido pelos trabalhadores de abandonar a propriedade. Mas depois lludiu-nos, dizendo que tinha de ir a Lisboa, sem falta, para pagar umas letras e deu à sola, até hoje...

Não cumprindo o primeiro prazo, também não ligou ao segundo nem ao terceiro. Fizemos então mais uma reunião para ver entre todos em que pé estavam as coisas. Já iamos no terceiro dia de greve e não víamos jeitos de o Garrett querer resolver o problema. Das «letras que ele queria pagar», o que sabíamos era que ele andava pelos Ministérios do Trabalho, da Agricultura e até pelo COPCON a ver se conseguia virar alguém contra a gente, falsificando toda a verdade dos factos. Posto isto, decidimos que, ou o Garrett se apresentava na quinta até à meia noite ou a malta ocupava a herdade definitivamente e nunca mais deixávamos esse tráfaluha pôr cá os canélos. E assim foi. Só as Forças Armadas e o delegado de Lisboa do Ministério do Trabalho apareceram por aqui (eram 08h e 10m de quinta-feira). Da parte do Garrett, apareceu um advogado do MDP-CDE, armado em carapau de corrida. Só vinha para ver o ambiente e ainda por cima queria pôr-se a dar-nos conselhos. Perguntou-lhe o pessoal «JÁ SE FOI RISCAR DE ADOVADO DO Garrett?». Visto que ele não soube ou não quis dizer, o pessoal disse-lhe que tinha mais que fazer e mandámo-lo embora.

(Continua na pág. 7)

## SUMÁRIO:

- EDITORIAL: BATALHA DA PRODUÇÃO. PORQUÊ?
- VIMIEIRO: TOMADA DE TERRAS
- S. C. C.: Controlo Operário
- EFACEC/INEL (Sul): LUTA DO PROLETARIADO
- COMUNICADO DOS TRABALHADORES R. R.
- TOMAR A CIDADE: MANIF. INTER COM. BAIRROS
- ENTREVISTA COMISSÃO TRABALHADORES L. LEVY
- A AUTOGESTÃO NO NORTE

Os trabalhadores de Lisboa da Rádio Renascença, reunidos em plenário no dia 26/5/75, considerando:

- A falta de garantias concretas por parte da Comissão Mista, nomeada por despacho governamental para assegurar o normal funcionamento da estação e as remunerações devidas aos trabalhadores;
- A persistência da actuação negativa e contra-revolucionária do Conselho de Gerência;
- A necessidade de defender um **Orçamento de Comunicações Social** da importância da Rádio Renascença, **contra manobras** que não servem o processo revolucionário em curso;

Reafirmando:

A sua firme determinação de cobrir a estação emissora da R.R. ao serviço das classes trabalhadoras e, especificamente, na defesa dos interesses dos explorados e oprimidos

Analisando:

As condições políticas actuais

Reconhecendo:

O carácter urgente e indispensável de reforçar a aliança Povo - M.F.A.

Interpretando:

A posição da Assembleia do M.F.A. quanto à ligação das Forças Armadas com os órgãos democráticos e revolucionários representativos dos trabalhadores

Decidem:

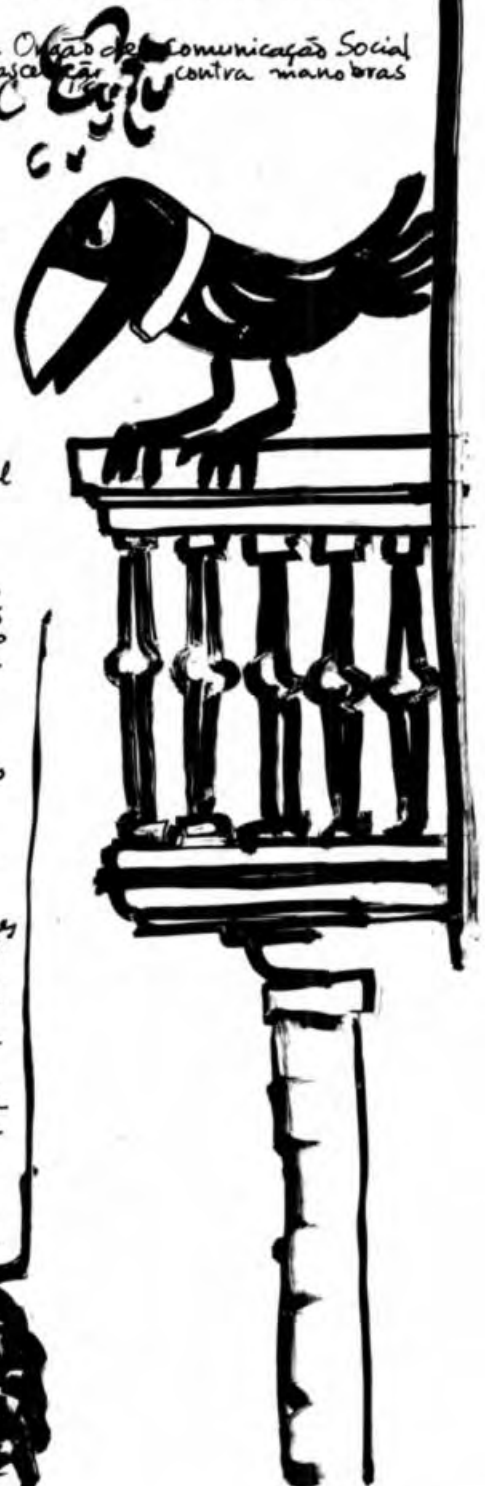
Ocupar as instalações do R.R. (Estúdios Emissores de Lisboa) a partir das 19 horas de 27/5/75 com vista a garantir:

- 1.º A sobrevivência dos trabalhadores
- 2.º A transformação do R.R. numa estação autenticamente popular e ao serviço da Revolução.

Consideram finalmente os trabalhadores de Lisboa da R.R. que estes objectivos só podem ser atingidos através de uma identificação total clara e activa com as massas trabalhadoras, das quais esperam um apoio objectivo e participante.

Desta decisão será dado conhecimento imediato ao Conselho da Revolução ao COPCON e a todas as entidades que se julgue conveniente.

Os trabalhadores de Lisboa da R.R. querem sublinhar especialmente que utilizarão todos os meios ao seu alcance para fazer executar a decisão tomada



# HERDADE DA CARTEIRA: TERRA TOMADA

**COMBATE** — Estamos mais uma vez nas Terras ocupadas por um grupo de Trabalhadores rurais, no Vimieiro. Agora vão-nos dizer como surgiu a ideia dos Trabalhadores assalariados virem e ficarem em igualdade de circunstâncias, aqui na Herdade da Carteira.

**1.º TRAB.** — Bem, isso é muito simples: os trabalhadores assalariados tem-se juntado à gente, porque, de facto, eles vêem que isto é uma grande iniciativa. E só assim é que a gente poderá vingar e fazer desaparecer um pouco o fascismo.

**COMB.** — Quantas pessoas é que aderiram a esta proposta?

**1.º TRAB.** — Agora, desta 2.º vez, vieram mais 9 pessoas, 9 trabalhadores assalariados.

**COMB.** — E em que circunstâncias se encontram eles actualmente?

**1.º TRAB.** — Até agora, estamos todos aqui a trabalhar.

**COMB.** — Sou-nos que os trabalhadores assalariados recebiam só metade do seu vencimento normal. Isso foi acordado entre todos ou foi iniciativa duma parte ou doutra?

**1.º TRAB.** — Isso foi uma reunião e todos estiveram de acordo. Não só eles receberam metade do ordenado, como a gente também só recebe metade das noras que as máquinas vão fazendo. Só assim é que a gente os podia admitir, porque se fosse para receber o ordenado todo, então não valia a pena virem, visto que a gente está a formar uma cooperativa e temos que arranjar fundos para isso.

## TEMOS QUE ARRANJAR FUNDOS

**COMB.** — Além disso, o dinheiro para os ordenados também sai do mesmo fundo, que é o empréstimo do IRA, não é?

**1.º TRAB.** — É verdade mesmo. A gente não tinha mais. Isso é que nos tem estado a valer, e quando esse acabar teremos de pagar... Teremos de ir outra vez ter com o IRA, enfim, ver qual será a pessoa indicada que possa fazer mais um empréstimo, que a gente não pode parar. E mais, o Sr. Barreiros tem de tirar daqui as vassas, a gente precisa para aqui de 500 ovelhas, segundo as conversas que já há feitas, e agora isso tem de ser resolvido por que se começa a fazer tarde, se for daqui o mais um tempo, o pasto é capaz de começar a secar e, nessa altura, as ovelhas já pouco vêem lucrar do que aí há.

**COMB.** — Quais são os organismos competentes para arranjar essas ovelhas?

**1.º TRAB.** — Deve ser o IRA, não sei se há outras pessoas indicadas e, visto que já cá estiveram ao pé de nós e já fizemos essa conversa... espero uma resposta deles.

**COMB.** — Ainda em relação ao dinheiro que levantaram no IRA, vocês acham que vai dar para toda a campanha da Primavera, para todas as culturas que têm planeadas?

**1.º TRAB.** — Bem, até agora, tinham pensado só na cultura do girassol, agora surgiu-nos mais uma ideia, vamos fazer 8 ou 10 ha de tomate e para aí já a despesa é maior, vai-se tentar, que se o dinheiro vai chegar, mas como ele não é elástico, se começamos a puxar muito é capaz de se partir.

**COMB.** — O que é que vocês vão fazer, exactamente, aqui nesta terra?

**2.º TRAB.** — Esta terra está a ser acabado de fabricar para se darem sarras para o povo do Vimieiro semear meloais.

**COMB.** — A hectareagem disto é para aí quanto?

**2.º TRAB.** — 3 ou 4 ha, podem até ser 5, ainda não estamos bem dentro do assunto, também podem ser 10.

**COMB.** — E em relação à lenha, ouvi dizer que houve aderência da parte das pessoas que receberam lenha daqui, que vieram cá carregá-la.

O que é que se passou a este respeito?

**2.º TRAB.** — A esse respeito, o que se passou foi isto: nós demos a lenha, eles vieram recebê-la com bons modos, colaboram com a gente a trabalhar na lenha para a gente poder fazer o serviço dos girassóis. E agora o que sucedem: eles, com os machados, espalharam alguma rama mais limpa, o que eles podiam fazer, depois ficou a lenha mais grossa. Eu, que trabalho com a moto-serra, é minha, e como estou dentro desta organização, ofereci-me para cortar a lenha mais grossa, fiz aquilo como voluntário. Ora, eles agora têm uma lista onde já tem 600 000 e tal para apresentar à organização, foi o caso de eu não prever receber dinheiro de ninguém, e eles, por eles, tiveram essa atitude.

Naquela volta da gente lhes dar a lenha, eles sabiam que nós temos aqui muito dinheiro enterrado, muita despesa e ofereceram à gente 1.600\$500, que essa escrita já está feita, já está o dinheiro recebido.



A esgalha (Foto Comb.)

## A SOLIDARIEDADE DA POPULAÇÃO

**COMBATE.** — Isso foi um auxílio das pessoas que beneficiaram dessa lenha voluntariamente em relação ao grupo dos tomadores da terra?

**2.º TRAB.** — É verdade. Tem colaborado com a gente, todos aqueles que saltaram naquela aflição que a gente teve, que toda a gente dizia que eramos presos. Agora, o que temos que fazer é agradecer esse apoio, não podemos opor-nos como fazíamos antigamente, isto é aberto para todos os trabalhadores que quiserem entrar. A razão é simples, já somos 30, esta terra será pouca para esses 30, mas já fomos hoje tratar do assunto para ocuparmos, ocupar não, que eles já não deixam, deve haver alguma organização que se oponha para nos darem mais uns 1.000 ha dentro da divisão da terra.

Os tais 500 ha para cada agricultor, ou lá como é que a lei vai sair.

**COMB.** — Vamos aqui falar com outro elemento da ocupação: quantas mulheres assalariadas trabalharam aqui durante estas duas semanas?

**3.º TRAB.** — Assalariadas, à volta de 17, 18 mulheres.

**COMB.** — No conjunto, quantas pessoas são?

**3.º TRAB.** — Com os pequenos agricultores e os assalariados, à volta de 36 pessoas.

**COMB.** — Portanto, com aquele dinheiro que foi levantado do IRA para a campanha de Primavera, estão aqui a trabalhar 36 pessoas.

Essas pessoas estavam no Vimieiro, desempregadas, não?

**3.º TRAB.** — Pois, não tinham trabalho, principalmente as mulheres. Nós fizemos uma reunião para dar trabalho para ir dirigir aquilo e até está associado com a gente, nas mesmas condições que nós.



**COMB.** — Vocês já têm matéria prima e máquinas de que precisam?

**4.º TRAB.** — Não, não temos. Precisamos de adubos, insecticidas e motores para tirar água e dinheiro para se fazerem as colheitas.

**COMB.** — Já há pouco falaram na dificuldade de arranjar motores, o que é que vocês propõem?

**4.º TRAB.** — Apelamos para que se comprem motores, sem motores é que não podemos estar. Apelamos para que quem tenha motores disponíveis os ceda.

**COMB.** — O que é que vocês estão a fazer ali em baixo, em relação ao tomate?

**4.º TRAB.** — A iniciativa nasceu para a gente ajudar os da fábrica do DIVOR e para ver se conseguimos arranjar mais trabalho para as máquinas e para o pessoal.

## DONOS DA FÁBRICA DIVOR LEVAM MÁQUINAS

**1.º TRAB.** — O que o meu camarada disse é verdade, vamos ter falta dos motores para a rega. Mas segundo dizem, tudo o que havia na fábrica de DIVOR os donos fizeram desaparecer, era bom que as Forças Armadas fizessem uma busca às herdades e montes deles, que eles devem ter escondido os motores de rega e as tubagens.

Visto que eles já não lhes interessa, a nós estão-nos a fazer falta. E daqui fazemos um apelo para a LIGA, a ver se ela se organiza, é através dela que nós temos que trabalhar. Somos sócios da LIGA, tem-nos dado algumas indicações.

## AINDA AS VACAS...

**1.º TRAB.** — Já dei recado ao feitor para tirar daqui as vacas. Nós agora vamos aqui fazer tomate e elas começam a frizar tudo. Pois se ele não as tirar nós começamos a comer algumas... e as outras, começamos por meter o dinheiro ao bolso...

**2.º TRAB.** — Esta terra aqui é para que o povo não começasse a dizer assim: «Ora aquele tem o primo, ficou com um bocado maior, aquele era irmão ficou com um bocado ainda melhor, o outro, que era fulano, já não apanhou nada». Portanto, a gente demos a terra pronta a deixar a semente, e cada um semear por onde quer, e eles que se entendam. Ora a razão porque se resolveu assim, e resolveu bem, foi para o povo não se desorganizar, para estarem todos juntos.

**1.º TRAB.** —

A lavoura é bonita  
É o que toda a gente diz  
Temos o Zé Letra e o Fulga  
E temos o amigo Perdiç.

## ITÁLIA:

### SOLDADOS ITALIANOS PUNIDOS

ROMA, 30 — (F. P.) — Foi anunciado nesta cidade que os militares que participaram, fardados e com a cara coberta com um lenço, nas recentes manifestações políticas da Esquerda (como a organizada pela Lotta Continua) serão castigados em conformidade com o regulamento de disciplina militar. O Ministério da Defesa italiano informa que foram abertos inquéritos para descobrir os responsáveis por estes actos políticos, «em oposição declarada ao Regulamento de Disciplina Militar».

(30 de Abril)

Quando os soldados se manifestam fora da direcção e do controlo dos oficiais, todos os governos (democratas, cristãos e de «transição para o socialismo») exercem a mesma repressão.

## PORTUGAL:

### PARTICIPAÇÃO DE MARINHEIROS EM CERTOS COMÍCIOS VAI SER INVESTIGADA

O gabinete do vice-almirante chefe do Estado-Maior da Armada distribuiu o seguinte comunicado:

Notícias vindas a lume na imprensa diária referem a participação de marinheiros em manifestações partidárias realizadas no passado dia 1.º.

Comunica-se assim que na manifestação promovida pelo M. R. P. P. participou um indivíduo e na da U. D. P. cinco, efectivamente utilizando a farda das praças, desconhecendo-se, contudo, se realmente a usavam por actualmente pertencem à Armada.

Decorrem investigações nesse sentido.

Mais se comunica que se associou às festividades promovidas pela Intersindical uma manifestação espontânea e unitária com cerca de dois mil oficiais, sargentos e praças e a banda da Armada devidamente autorizada, por este Estado-Maior da Armada, de acordo com as directivas do Conselho da Revolução para participação das F. A. nas festas do 1.º de Maio.

(3 de Maio)

## INQUÉRITO

### NOS QUARTÉIS



# REPRESSÃO MILITARISTA

# EDITORIAL

Analisámos em editoriais anteriores como e porquê o capitalismo português tem evoluído para formas em que o Estado detém cada vez mais o controlo da vida económica e social — ou seja, para formas de capitalismo de Estado. Vamos tentar analisar agora o dinamismo actual desse processo.

Após o 11 de Março, o MFA deu um passo mais firme no sentido do controlo político da vida portuguesa, ultrapassando em certa medida os partidos políticos. Foi a partir daí e com as nacionalizações da Banca e de largos sectores produtivos que os nossos governantes começaram a afirmar que «a sociedade portuguesa caminha para o socialismo, sendo o MFA o motor dessa evolução».

Hoje ouvimos insistentemente da boca de pessoas responsáveis do MFA e do Governo que as nacionalizações só são um passo para o socialismo se os trabalhadores começarem a controlar a economia, através de estruturas autónomas. Assim lemos no «Boletim das Forças Armadas», de 6 de Maio, «em termos do processo revolucionário há que criar estruturas de participação directa das massas populares na gestão politico-administrativa e económica a todos os níveis. O que implica o desenvolvimento dos poderes populares ao nível local e regional de bairro e de fábrica, no campo e nas cidades».

Significa isto que se está efectivamente a caminhar na construção de uma sociedade socialista?

Vejam, com mais pormenor, o significado prático da nova dinâmica do capitalismo português no seu contexto mais global:

Ao mesmo tempo que se fala na necessidade de que os trabalhadores se auto-organizem e controlem a economia, aponta-se como motor da revolução portuguesa o MFA e não os próprios trabalhadores auto-organizados na sua luta contra o capitalismo. Cava-se assim e de imediato uma cisão entre o nível político e económico base de todas as sociedades de opressão.

Uma sociedade comunista (um novo modo de produção que não tenha por base a exploração e a opressão), após a tomada de poder político pela classe operária, inicia-se com a gestão cada vez mais directa e cada vez mais alargada dos assuntos sociais pelos próprios produtores e simultaneamente com a apropriação dos meios de produção e a gestão do processo de produção igualmente pelos produtores.

A gestão cada vez mais directa da vida social pelos trabalhadores inicia o processo de extinção da instância política propriamente dita. A instância política é sempre uma forma de estabelecimento de um estrato social como gestor dos assuntos de toda a sociedade separado dos produtores.

A gestão do processo de produção pelos trabalhadores no seu conjunto, através da apropriação dos meios de produção, constitui precisamente as novas relações de produção.

Assim, a realização e o desenvolvimento das novas relações de produção processam-se num terreno base em que são fundidos o nível económico e o nível político — a constituição das novas relações de produção e a constituição de uma nova forma de poder político, que não é senão a própria extinção das instâncias políticas.

## BATALHA DA PRODUÇÃO, PORQUE?

Vejam mais detalhadamente o significado do interesse dos nossos governantes na mobilização das massas trabalhadoras, através da gestão económica:

Para o desenvolvimento económico português começar a processar-se, saindo da crise económica que atravessa (crise já várias vezes analisada nos Editoriais do «Combate», é uma consequência, em grande parte, da grande crise que atravessa todo o bloco capitalista ocidental mas ainda devido às condições particulares portuguesas), não são suficientes as nacionalizações (que põem na mão do Estado uma mais larga massa monetária, a possibilidade de uma melhor planificação com o consequente melhor aproveitamento dos recursos materiais e humanos) é necessário sobretudo que se produza mais. Devido às dificuldades de novos investimentos produtivos, mais ainda se torna importante o melhor aproveitamento do que já existe. E encontramos aqui o primeiro ponto fundamental — é necessário mobilizar os trabalhadores responsabilizando-os e empenhando-os na vida económica — a isto chama-se batalha da produção.

Um ano depois do 25 de Abril foi tempo suficiente para se ver claramente que os partidos políticos não conseguem qualquer mobilização dos trabalhadores. As greves e ocupações processam-se sem que os partidos as consigam enquadrar. Os ideólogos do capitalismo de Estado português já viram que o enquadramento dos trabalhadores terá de se fazer através de estruturas que não as partidárias actuais a que os trabalhadores, hoje, ainda pareçam sensíveis.

As declarações de Otelo Saraiva de Carvalho ao «Expresso» são muito claras:

*«Se nós realmente tivéssemos a possibilidade de travar essas lutas partidárias, assumindo o MFA como força política suprapartidária a função de movimento de libertação... se a totalidade das bases fosse roubada às cúpulas dos partidos e passasse a aderir apenas ao MFA como força política existente na Nação... estou convencido que daríamos um enorme impulso a este País.»*

João Cravinho, ministro da Indústria e Tecnologia, diz (num discurso na Sorefame)

*«Não se trata apenas de estabelecer uma distinção entre bons ou maus trabalhadores, mas trata-se, sobretudo, de libertar a energia criadora dos trabalhadores, levando-os a superar uma crise indissociável do processo de transição para o socialismo... É urgente mobilizar os meios necessários para que o aparelho de Estado assumia novas responsabilidades, em conjugação com os esforços dos trabalhadores organizados autonomamente. Só o poder dos trabalhadores poderá, até, ajudar a construção deste aparelho de Estado... Por sua vez, os trabalhadores que se organizam ignorando ser necessário um aparelho de Estado também não contribuem decisivamente para esta caminhada no sentido da sociedade socialista.»*

João Cravinho afirma na primeira parte que é necessário libertar a energia criadora dos trabalhadores. Não é mais do que a tentativa de aproveitar a capacidade de trabalho e de organização dos trabalhadores para as reformas económicas necessárias ao capitalismo de Estado. Já no último «Boletim das Forças Armadas» se dizia ser necessário que os trabalhadores sejam «Vigilantes perante os incompetentes, os burocratas, os viciados e todos os que nessas empresas continuam a actuar como nos outros tempos». Vê-se aqui um campo para o qual se pretende mobilizar os trabalhadores que não afecta em nada o modo de produção capitalista mas que o torna mais eficaz. (1)

Na segunda parte, Cravinho define o original «sociedade socialista» que se pretende construir. Uma sociedade em que é preservada uma instância política — o Estado, como órgão exterior ao processo produtivo e não controlado pelos trabalhadores. Órgão onde se estratificam os vários gestores que repartirão entre si a mais-valia extorquida aos trabalhadores produtivos que continuarão a ser idênticamente explorados.

Simultaneamente, tenta-se travar a todos os níveis as movimentações dos trabalhadores nos locais de trabalho, como perniciosas à economia.

## SÓ NA LUTA PODEM OS TRABALHADORES GANHAR CONSCIÊNCIA DAS NOVAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

A classe operária, com a sua condição de assalariada, desenvolve uma luta constante: é a luta no mercado da força de trabalho para elevação do salário ou pela sua garantia.

Esta luta assim definida não ultrapassa a esfera do capitalismo, uma vez que decorre da existência do mercado. Mas uma coisa são os objectivos da luta e outra, muito diferente, é o processo prático da luta. É nesse processo de luta material que a classe operária pode ultrapassar os limites estreitos de uma luta económica que se insere no mercado capitalista e desenvolver a luta contra o sistema de exploração capitalista.

São as formas de organização saídas directamente do desenvolvimento material da luta — conselhos ou comissões de fábricas (2) — que unem as massas em função da prática de luta, e não em função de objectivos mais ou menos limitados.

Os conselhos de fábrica dão à generalidade dos trabalhadores envolvidos na luta uma prática que desenvolve a experiência do controlo directo da produção e da vida social, bem como os conceitos teóricos dessas experiências.

Os conselhos são a forma embrionária das futuras relações de produção comunista, porque passam à prática formas embrionárias de controlo e de gestão da produção pelos trabalhadores. Mas, são simultaneamente uma forma embrionária de extinção do poder político, enquanto organismos que enquadram os intermediários eleitos pelos trabalhadores.

A dinâmica para o socialismo é dada pelas massas trabalhadoras na luta, através da criação de estruturas de poder próprias — os conselhos ou comissões de fábrica — em que os representantes estão controlados pelas massas — em assembleias ou plenários de todos os trabalhadores e revogáveis em cada momento.

Quando o motor de uma revolução não são as massas trabalhadoras auto-organizadas, mas uma instância política (que diz representá-las), que escapa ao controlo dos trabalhadores como diz ser o MFA português — a sociedade que se constrói não é a comunista, mas uma forma de capitalismo de Estado. As formas de extorsão da mais-valia e da sua redistribuição serão diferentes, mas continuará a exploração e a opressão sob novas formas!

Cabe aos trabalhadores rejeitar qualquer enquadramento da sua luta, vinda do exterior, e desenvolver cada vez mais a prática de luta autónoma, através de experiências novas.

Aproveitar o novo terreno que se cria com a chamada «participação dos trabalhadores na gestão da vida económica», num campo de luta mais amplo, levando cada vez mais largas massas de trabalhadores a desenvolver o controlo directo da produção e da vida social.

(1) Os sindicatos, em sociedade capitalista, em si, não alteram as formas de gestão e organização do trabalho nas empresas. Mas, quando realizados pelos trabalhadores, são um campo de luta que deve ser aproveitado, para o desenvolvimento da prática de luta de todos os trabalhadores, no sentido da criação de novas formas de gestão e organização do trabalho.

(2) Estes conselhos podem também formar-se, não directamente ligados à produção, como os conselhos de moradores, conselhos de bairro, etc., com características semelhantes.





# LEON LEVY: A TEIA DOS CAPITALISTAS IMPLICADOS

(Conclusão da entrevista do n.º anterior)

## PALMA CARLOS TAMBÉM

COMB. — Poderemos então dizer que a maioria do capital investido nesta empresa, que aliás são várias, é estrangeira?

TRAB. C. — Isso é o que nós queremos que a tal inspecção nos confirmasse. Eu não creio que viesse um simples centavo do estrangeiro; ainda que viesse, foi apenas para tapar a boca ou os olhos a todos os indivíduos que, ingenuamente ou de propósito, entraram nesta fraude. O sr. Levy chegou a Portugal e com as credenciais que trazia porque todos eles trazem, pôde levantar dinheiro do banco; porque nós conseguimos provar e brevemente a comissão conseguirá provar de que a partir da entrada do sr. Levy em Portugal os dinheiros começaram a levantar dos bancos, se os bancos estavam a trabalhar precisamente para esses indivíduos eu não vejo ponto nenhum onde possam pegar e dizer que o dinheiro vem do estrangeiro. O dinheiro foi simplesmente português dos trabalhadores portugueses, que neste momento foram vítimas do dinheiro que lhe foi usurpado. Em toda esta manobra fraudulenta existe também a compra de terrenos como não podia deixar de ser, pois é aqui que as manobras fraudulentas tiveram o seu maior incremento. Acontece que os terrenos eram comprados digamos por 2000, eram hipotecados por 4000; não sei porque é que as hipotecas podiam ser mais altas que o valor do terreno naquele tempo e era assim que se fazia. Por conseguinte, ainda vamos ao princípio que o dinheiro era feito sem dinheiro o que nos deixa muitas dúvidas que podia ser honestamente. Havia umas certas individualidades que se ligaram ao sr. Levy que ainda não descrevemos; eram aquelas visitas que havia, entre elas, Dr. Palma Carlos, por exemplo, em Geneve durante a época em que foi 1.º Ministro do Governo Provisório, isto enfim deixa muito a desejar; enfim não queremos de maneira nenhuma dizer até que ponto estes indivíduos estavam já envolvidos com o sr. Levy, mas que realmente havia uma certa assiduidade de confrontos entre esses indivíduos.

TRAB. B. — Aliás nós sabemos que diversas individualidades ligadas com os governos anteriores eram convidadas do sr. Levy a ir propositadamente à Suíça passar férias nos seus hotéis, com estadia paga; sabemos que eram frequentes as visitas ao Manhattan Center que foi o grande império do sr. Levy, que há relativamente pouco tempo ruuiu, caiu totalmente; daí haver um processo de falência do sr. Levy na Bélgica que possivelmente irá envolver a maioria de todas as suas companhias nos outros países. Pois sabemos também que era frequente a ida de personalidades que nessa altura pois o eram, ou faziam-se ser, ao empreendimento turístico de Vila Lara, onde usufruíam de grandes banquetes, e grandes estadias, sem pagar um tostão. Evidentemente que, sabe-se que essas personalidades só lá iam porque o sr. Levy as usava para obtenção dos intuítos que queria, ou sejam os empréstimos, todas as facilidades, todas as portas abertas inclusivamente, eu estou convencido aliás todos nós trabalhadores estamos convencidos de que as manobras do sr. Levy eram já conhecidas de muitas dessas individualidades do passado; e sabemos até que há relativamente pouco tempo e já dentro deste governo o sr. Levy tentou infiltrar-se para conseguir manobrar de novo as pessoas envolvidas. Contudo, ao que nos parece, tudo nos indica que isso foi usurpado, e a provar está a situação em que nos encontramos, a maneira como somos recebidos, o que nos leva a crer que teremos em breve uma resolução para o nosso problema.

das dimensões financeiras, na medida em que foram arranjar algumas das suas economias para poder ter ao fim do ano uma fonte de rendimento, que lhes desse uma outra garantia, pois isso tudo neste momento está comprometido, na medida em que se por ex.: o Estado tiver uma intervenção na nossa empresa para uma realização da falência dentro destas empresas do grupo Levy, pois os interesses destes proprietários poderão ser seriamente comprometidos, na medida em que certamente todos eles terão que ser englobados numa lista de credores e portanto após os bens irem à praça, terão direito à parte equitativa dos capitais que aqui investiram. Isto é lamentável, porque como já disse a grande maioria desses proprietários, são pessoas financeiramente débeis, porque arranjaram algumas economias e dentro das suas parcas economias aplicaram aqui esses dinheiros. No que diz respeito a Vila Lara os problemas já não são exactamente os mesmos, na medida em que a maioria dos proprietários são financeiramente mais abastados e portanto isso talvez cause menores transtornos. A maioria deles até são estrangeiros e alguns desses dinheiros até foram contratos feitos na Suíça, parte desses dinheiros não chegaram até a entrar em Portugal, o que será também um problema a esclarecer. Estávamos neste momento numa fase de escrituras que dada a situação em que nos encontramos, não há qualquer hipótese de continuar e portanto só após uma intervenção do governo, é que poderemos saber efectivamente qual o caminho a tomar para a continuação ou não dessas escrituras. Além disso sobre o problema das escrituras, a coisa poderia ser um pouco mais fácil mas até é bastante mais complicado, na medida em que há alguns edifícios e moradias neste momento se encontram hipotecadas. Além disso há outros que nem sequer a parte de construção está paga, o que significa que o sr. Levy conseguiu dinheiro dos compradores, dinheiro que não pagou aos construtores e dinheiro das hipotecas quer dizer; conseguiu realizar três vezes dinheiro sobre o mesmo empreendimento. Portanto isto é bastante grave, muito principalmente para as pessoas que compraram imóveis, que neste momento se encontram hipotecadas. E sobre proprietários acho que de momento nada mais vale adiantar, visto que só de futuro se poderá acrescentar mais alguma coisa.

## OS PROPRIETÁRIOS OS GRAÜDOS E OS MIÜDOS

TRAB. A. — Outro problema também de grande dimensão, é o problema relacionado com os proprietários que um dos nossos camaradas vai expor.

TRAB. E. — Sobre os proprietários da Aldeia do Mar e Vila Lara o problema também se apresenta bastante complicado, na medida em que entre os 321 proprietários da Aldeia do Mar e os 50 de Vila Lara, todos eles investiram os seus capitais, os da Aldeia do Mar, principalmente pessoas de reduzi-

## CAMARADA: A NOSSA SOBREVIVÊNCIA ESTÁ NAS TUAS MÃOS

O jornal «Combate» é uma tribuna aberta à livre expressão de todos os trabalhadores em luta. É também um meio pelo qual os trabalhadores podem trocar as suas experiências e aumentarem assim a sua organização autónoma no combate ao capitalismo.

Mas, se grandes são as lutas dos explorados, são fracos os seus recursos financeiros.

O «Combate», que se apoia somente nos trabalhadores, que não é órgão de nenhum partido ou grupo político, tem de lutar constantemente pela sua sobrevivência económica.

Se achas que o «Combate» tem a sua razão de ser na luta dos explorados e dos oprimidos, apoia-nos tornando-te assinante e tornando assinantes os teus amigos e camaradas.

CAMARADA: COLABORA NA NOSSA CAMPANHA DE ASSINATURAS!

*Produtos de fábricas em Auto-gestão - Venhas diários dirigidos à Assisio e Alvim, R. Parros Manuel, 67-B, LX ou sede do COMBATE, das 19h às 21h em Lisboa; no Porto: LIVRARIA "CONTRA A CORRENTE" e Apartado 193, VILA NOVA DE GAIA*

## REFORMA AGRÁRIA EM UNHAIS DA SERRA

(Continuação da pág. 1)

Por tentarem sujar a grande união que sempre existiu entre os trabalhadores da Quinta e do povo de Unhais da Serra, é preciso denunciar certos traidores à classe, escondidos na comissão de trabalhadores da «Penteadora», que, com manobras de divisão, tentaram pôr à zaragata operários da fábrica contra os trabalhadores da Vargem, sem o conseguir. De entre eles apontamos: Curto, contabilista da «Penteadora» e da «Quinta da Vargem», em Unhais e da «Moura Matos», outra quinta no Tortozendo (tudo isto, fábricas e quintas do Garrett). DEOLINDO LOPES, presidente da Junta de Unhais, empregado de escritório na «Penteadora». Quanto a eles é o povo de Unhais, os operários da fábrica e todos os elementos da comissão de trabalhadores, quem lhes deve pedir contas. O povo de Unhais e os operários da «Penteadora» podem contar com os trabalhadores da «Vargem» sempre que precisarem, tal como nós continuamos a contar com o vosso apoio para a nossa luta.

O Garrett e todos os Garretts deste país são os principais responsáveis por estas manobras. Sabotagem económica, abandono da propriedade, tentativas de divisão e calúnias às Forças Armadas, Ministério e COPCON. Por tudo isto e pelo que acima foi dito, há razões para deitar a mão a esse fascista do CDS...

EXIGIMOS A PRISÃO IMEDIATA DO FASCISTA GARRETT A TERRA A QUEM A TRABALHA MORTE AOS LATIFUNDIÁRIOS E AOS CAPITALISTAS

Os trabalhadores da Quinta da Várzea 12 de Maio de 1975

Nota: «Também já foi saneado o feitor Soares; os trabalhadores da quinta confirmaram por uma votação democrática a comissão de trabalhadores; formou-se uma comissão de gestão, dependente da comissão de trabalhadores e nomearam-se 2 responsáveis pela contabilidade (1 da Comissão de Trabalhadores, outro não)».

## COMUNICADO TRABALHADORES R. RENASCENÇA

(Contin. das págs. centrais)

absoluto com a solidariedade manifestada pelas classes trabalhadoras durante todo o tempo de greve total em R.R.

Na pen igualmente os trabalhadores de Lisboa de R.R. deixar de notar que os acontecimentos recentes na vida da Estação coincidem, mais uma vez, com uma intensificação de actividade contra-revolucionária, a nível nacional, o que os leva a defender com o maior vigor as conquistas revolucionárias já alcançadas.

Finalmente os trabalhadores de Lisboa de R.R. sublinham; perante as classes trabalhadoras, o facto de alguns camaradas do estúdio do Porto terem compreendido o engano em que estavam a ser induzidos e rejeitaram explicitamente o comprometimento com as manobras já denunciadas.

Para terminar esta síntese, obrigatoriamente curta, reafirmamos, uma vez mais, a nossa determinação em prosseguir a luta, fies aos princípios que sempre defendemos e conscientes de que só os trabalhadores libertarão os trabalhadores.

QUERIA ASSINAR O COMBATE DESDE O N.º \_\_\_\_\_  
 1 ano (26 números) — 60\$00; 6 meses (13 números) — 30\$00;  
 apoio (anual) — 120\$00 mínimo  
 Europa (1 ano — 151\$00); USA (1 ano 190\$00);  
 Angola (1 ano — 177\$00).

QUERIA VENDER O COMBATE  
 Junto envio \$ \_\_\_\_\_  
 (Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome de directora)

**COMBATE**  
 AVENIDA SANTOS DUMONT, 48, R/C-D  
 LISBOA-4

Nome \_\_\_\_\_  
 Morada \_\_\_\_\_  
 Profissão \_\_\_\_\_

(ENVIAMOS OS NUMEROS ANTERIORES A QUEM OS SOLICITAR)

# ESPAÑA: REAL

## JANEIRO

### LEBRIGA (SEVILHA)

200 trabalhadores rurais sem trabalho, manifestaram-se nas ruas concentrando-se junto à Câmara, até que a Guarda Civil os obrigou a dispersar, fazendo várias prisões. Esta comarca esteve profundamente afectada pela seca. Por outro lado, centenas de viticultores da comarca de Jerez (Cádiz) mantinham-se em greve como expressão combativa do seu descontentamento contra os salários de miséria.

### CATALUNHA (BARCELONA)

Greve na "Gallina Blanca" (ver "Combate" n.º 12), os empregados exigiam 75 000 pesetas anuais, enquanto a empresa só dá 64 431, sem direito a férias.

Greve na "Hispano-Olivetti". Mantiveram-se em baixo rendimento, os 3000 trabalhadores da fábrica "Hispano-Olivetti", a qual sofreu um "lock-out" da entidade patronal, como represália à greve dos trabalhadores.

Em Lérida, os 460 trabalhadores de "Cubiertas y Tejados", entraram em greve no dia 16, tendo recebido 3 dias mais tarde, como resposta às suas reivindicações, uma carta de despedimento.

Cerca de 40 empresas têxteis de Sabadell, Tarassá e Barcelona (cerca de 8000 trabalhadores) suspenderam o trabalho, reivindicando que o aumento de 20% previsto para o mês de Abril, fosse retroactivo a Janeiro.

Houve diversas paralisações na metalúrgica "Jumberca" de Badalona. Em Can Jordi os vidreiros ocuparam as oficinas para exigir a regularização dos pagamentos. Houve intervenção da Guarda Civil para os desalojar.

Surgiu um importante conflito na refinaria de petróleo de Tarragona, em que apareceram alguns "amarelos" e a pedido da entidade patronal foram concentradas, para os proteger, numerosas forças de polícia armada.

Na tarde de 22, trabalhadores de "Montajes del Nervion" encerradas na igreja de Buenavista, foram desalojados pela polícia. Como protesto fez-se uma manifestação operária na avenida do Generalísimo.

Os operários da "Aluminio Hispano-Suiza" de San Felín de Llobregat, reincidiram na greve, a 24 de Janeiro.

### GUIPUZCOA (TOLOSA)

Por lentidão das propostas da empresa, os 1500 trabalhadores da "CA-F", em Beasain, continuaram em greve. Por reivindicações salariais entraram em paralisação as "Construções Indar" e a "Caldeiraria Gaznaraga" de Villafraanca.

70% dos trabalhadores das indústrias desta zona de Tolosa, iniciaram uma paralisação colectiva em solidariedade com as reivindicações dos seus camaradas das empresas "Mustad", "Talleres Basagoitia" e "Union Gráfica". Nestas empresas iniciou-se uma paralisação para exigir aumento de salários.

Cerca de 16 empresas de Tolosa estiveram em greve no dia 26 e a 28 celebrou-se na cidade uma manifestação de solidariedade efectuada por mulheres, sendo atacada e dissolvida pela polícia armada.

Também entraram em greve os trabalhadores da "Unitat Hermetica" de Sabadell e San Quirico.

A empresa de transportes "Martí" de Sabadell, paralisou o trabalho para defender as reivindicações formuladas.

### BARCELONA

Entraram em greve em Barcelona, 400 professores, inscritos nos Institutos de Ensino Médio. Reclamavam contrato de trabalho, reactualização do salário, readmissão dos despedidos e reconhecimento do direito de expressão e reunião, nos centros.

### AYAMONTE

180 trabalhadores florestais de Ayamonte, miseravelmente pagos, declararam-se em greve, pedindo jorna mínima de 700 pesetas por dia.

### ASTURIAS

No dia 7, só em 2 dos 25 poços de carvão de Hanosa, se tinha trabalhado normalmente.

### JEREZ DE LA FRONTERA

Um armazém em Rumasa, perto de Jerez, dormitório de 40 "amarelos" importados de Levante e Cordoba, foi atacado com explosivos por desconhecidos. Compreendendo a sua situação esses trabalhadores regressaram às suas regiões.

## FEVEREIRO

### POLINYA

Greve de 150 trabalhadores dos produtos "Italeo". Reclamavam aumento de 4000 pesetas mensais, 3 pagamentos extra no ano de 30 dias de férias. A empresa despediu 55 grevistas.

### GALDACANO

Contrariando as réplicas da companhia, os 3300 operários da fábrica "Firestone", de Galdacano, ocuparam as instalações, sendo desalojados das mesmas pela polícia, que acorreu ao local com aparato de guerra.

### SABADEL

Continuou em Sabadell o conflito de "Clima Roca". Por não querer ceder, a empresa despediu todos os trabalhadores.

Os transportes urbanos de Sabadell paralisaram o trabalho durante um dia, para conseguirem um aumento linear de 4000 pesetas.

### LEBRIGA (SEVILHA)

300 trabalhadores agrícolas, encerraram-se na igreja de Nossa Senhora da Oliva, em sinal de protesto contra os baixos salários.

Forças policiais cercaram o templo com o propósito do assalto do mesmo, o que não chegaram a fazer, uma vez que os 2/00 trabalhadores abandonaram a igreja.

¿ SERÁ POSIBLE QUE HAYA ESTALLADO YA LA PRIMAVERA POLITICA ?



SUMMERS



Mile



OPS